

**Dossiê**

A construção de uma nova identidade psicossocial e ético-religiosa da universitária católica recifense

The construction of a new psychological, social and ethical-religious identity by Catholic university women in Recife

Janice Marie Smrekar Albuquerque¹

Resumo

O presente artigo pretende analisar a construção de uma nova identidade psicossocial e ético-religiosa da mulher universitária católica de duas Instituições de Ensino Superior (IES) de orientação religiosa católica, no Recife, diante dos ensinamentos e orientações da Igreja Católica sobre a mulher e dos desafios e problemas vividos e sofridos por ela hoje, principalmente referentes a sua sexualidade, num mundo complexo e de valores psicossociais e ético-religiosos conflitantes. As conclusões, interpretadas através da hermenêutica de gênero, são o resultado de uma pesquisa realizada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAP junto a 178 mulheres universitárias. A questão colocada é se as orientações teológicas / religiosas / pastorais estão atendendo aos desafios contemporâneos enfrentados pela mulher católica universitária recifense e como o magistério da Igreja está contribuindo para a construção da identidade e espiritualidade femininas neste mundo dilacerado por problemas éticos, políticos sociais, familiares, econômicos e culturais.

Palavras-chave: Hermenêutica de gênero. Identidade e pluralismo religioso. Cristianismo e modernidade. Ética e práticas sócio-religiosas. Magistério da Igreja Católica.

Abstract

This article analyses the construction of a new psychological, social and ethical and religious identity of the female Catholic university student at two Catholic universities in Recife. By means of her life style and conceptual representations, she evidences a confrontation between the Catholic Church's magisterium and the challenges she faces in today's complex world of conflicting psychological, social and ethical-religious values, including those referring to her sexuality. The conclusions, interpreted through the perspective of gender hermeneutics, are the result of research conducted and approved by the Ethics Committee of the [Institution A], with 178 university women. The principal question investigated is whether the Church's theological, religious/ pastoral orientations are meeting the contemporary challenges facing the Catholic university woman and how the magisterium is contributing to the construction of her feminine identity and spirituality in today's world, dilacerated by ethical, political, social, family, economic and cultural problems.

Keywords: Gender hermeneutics. Identity and religious pluralism. Ethics and social and religious practices. Christianity and modernity. Catholic Church magisterium.

¹ Possui graduação em Serviço Social da College Of Saint Scholastica, Minnesota, USA, (1963) e mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (1986). Tem Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, desta, é professora adjunta (recém-aposentada). Foi Coordenadora do Núcleo Unicap de Apoio aos Movimentos Populares na Católica por 11 anos. Defendeu a dissertação para o título de mestre do Mestrado de Ciências da Religião em 2007, focando a questão de gênero, sendo aprovada com distinção. Foi membro da diretoria e Comissão de Ética do Conselho Regional de Assistentes Sociais, 4a Reg. por 13 anos, até 2005. É consultora na área da criança e do adolescente junto ao Estado de Pernambuco.



1 Introdução

O presente artigo inclui resultados parciais da dissertação de Mestrado em Ciências da Religião intitulada "Revolução Feminina Silenciosa: a universitária católica recifense e a construção de uma nova identidade psicossocial e ético-religiosa." que analisa a construção de uma nova identidade psicossocial e ético-religiosa da mulher universitária católica de duas Instituições de Ensino Superior (IES) de orientação religiosa católica, no Recife, diante dos ensinamentos e orientações da Igreja Católica sobre a mulher e dos desafios e problemas vividos e sofridos por ela hoje, num mundo complexo e de valores psicossociais e ético-religiosos conflitantes. A questão colocada é se as orientações teológicas / religiosas/pastorais estão atendendo aos desafios contemporâneos enfrentados pela mulher católica universitária recifense e como o magistério da Igreja está contribuindo para a construção da identidade e espiritualidade femininas neste mundo dilacerado por problemas éticos, políticos sociais, familiares, econômicos e culturais. Noutras palavras, qual é a influência da cultura e sociedade brasileiras na fundamentação psicossocial e ético-religiosa das vivências e representações destas mulheres e qual é o significado do papel da Igreja Católica na orientação da vida delas?

A resposta a estas questões envolve uma percepção da dificuldade da mulher construir a sua identidade psicossocial e ético-religiosa sendo bombardeada por várias forças simultaneamente: as exigências econômicas, políticas, sociais, éticas e culturais da modernidade; a situação de "ser-mulher" como mãe / esposa / filha, dona-de-casa / intelectual/ trabalhadora / amiga / amante e as orientações do magistério da Igreja Católica sobre questões pertinentes ao "ser-mulher" hoje.

O homem tem se afirmado histórica, institucional e biblicamente. A sua afirmação masculina tem tido implicações na sua relação com a mulher, subestimada, inferiorizada e oprimida por ele, através da construção sócio-cultural-histórica das relações de gênero. A luta da construção de identidade é mais um aspecto da luta feminina no contexto dessas relações.

A caracterização da mulher na Igreja Católica - seu papel, seu poder, seus direitos, sua subordinação, sua liberdade – como processo histórico está sempre relacionada ao contexto de gênero, fenômeno que se constitui de um conjunto de práticas, símbolos, representações, normas e valores sociais elaborados pelas sociedades, em geral, a partir da diferença sexual anátomo –

fisiológica que dominam às relações entre mulheres e homens.

"Gênero" é uma construção social e cultural, um modo de ser no mundo, exigindo uma abordagem ampla e multidisciplinar, até na interpretação religiosa ou hermenêutica. A necessidade de uma maior análise psicossocial e ético-religiosa sobre a questão da mulher no mundo e na Igreja tem sido estimulada nos Congressos Mundiais, tanto da ONU, quanto do Conselho Mundial de Igrejas, inclusive com a proclamação da "Década da Mulher" (1975-1985) pela ONU. Está processando, de modo geral, uma maior atenção à questão de gênero, e especificamente, à relação gênero e religião, em nível mundial, nas Igrejas Cristãs, mormente, na Igreja Católica, no mundo e no Brasil.

A pós-modernidade com novos questionamentos e posturas éticas está contribuindo para a ruptura com tradições, inclusive religiosas. Estimula um processo de reflexão crítica e pessoal radical que reavalia os conceitos e valores de acordo com sua pertinência à vida social (RODRIGUES, 2003).

A crise da religião na modernidade virou irreversível, com múltiplas consequências para todos os aspectos da vida – econômico, político, social, psicológico, cultural e até ambiental – contribuindo para o fenômeno da secularização (MARTELLI, 1995) como consequência do processo de racionalização que havia

transformado o Ocidente. Esta secularização marcou a ascensão e permanência da racionalidade instrumental que influenciou, ao mesmo tempo, a marginalização da religião, a dessacralização e o desaparecimento do sagrado.

A modernidade, e a pós-modernidade com os consequentes fenômenos de secularização, pluralismo e subjetividade, têm contribuído para o surgimento histórico de uma nova mulher, em várias frentes relacionadas à sua própria corporeidade, sexualidade e saúde reprodutiva. Neste contexto a mulher católica moderna está fazendo releitura de fé, criando novos paradigmas, num processo de ampliação da consciência pessoal e social. Este processo de desconstrução e reconstrução aponta para novas formulações que são reações às correntes teológicas e filosóficas existentes. É um passo metodológico que afirma que a experiência da mulher é o ponto da partida da reflexão teológica dentro de uma nova maneira de interpretar a realidade, chamado a hermenêutica de gênero ou a hermenêutica feminista.

A teoria crítica social exige da hermenêutica cientificidade, objetividade e liberdade de valores. O ponto de vista da hermeneuta expressa uma nova perspectiva, uma mudança de paradigma, que, para uma hermenêutica feminista ou de gênero, não seria androcêntrica (visão dos homens e

centrado neles: matriz cultural masculina), mas antropocêntrica (visão de igualdade de gênero e centrado na pessoa humana), afirmando a experiência da mulher como fonte de cientificidade para validar fenômenos políticos e sociais pertinentes a sua vida: o seu “ser- mulher”.

A pesquisa de campo foi aplicada em duas instituições, a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e a

Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE), junto a 178 alunas declaradas católicas, sendo 116 na [UNICAP] e 62 na [FAFIRE]. Envolveu questões sobre práticas e ensinamentos religiosos, corporeidade e sexualidade, pensamentos e sentimentos sobre religião e espiritualidade. Os resultados foram analisados a partir da hermenêutica de gênero.

2 A nova identidade psicossocial e ético-religiosa da universitária católica recifense

A construção da identidade pessoal é um processo que se realiza desde a concepção até a morte. O moldar dessa identidade é um dos maiores desafios da vida de qualquer pessoa por incluir tudo que percebemos, concebemos, sentimos, vivenciamos, pensamos, agimos, representamos e relacionamos. Por ser a identidade tão essencial, a sua compreensão torna-se é fundamental. Fundamental, primeiramente, para a própria mulher, em segundo lugar, para as pessoas que convivem com ela e se relacionam em todos os espaços da vida e, em terceiro lugar, para as instituições que a procuram, a acolhem, a incorporam, dependem dela e a empregam.

A mulher constitui mais da metade da população do Brasil (IBGE, 2010) e metade da população mundial. É, também, o segmento majoritário na Igreja Católica. Por esta razão presume-

se que a própria Igreja teria interesse em se abrir para escutar, compreender, repensar-se em relação à mulher porque ela já está se repensando em relação à Igreja e ao seu magistério.

Este repensar feminino, evidentemente, está conduzindo a mulher à construção de uma nova identidade psicossocial e ético-religiosa. O processo é revolucionário e refletido a partir da vivência do “ser-mulher” em todos os aspectos – a sexualidade sendo um aspecto principal, e, por isso mesmo, é crítico, silencioso e complexo.

Por “construção” de identidade entende-se um processo dinâmico que engloba infinitos traços que constituem ou criam um novo modo de ser que não é linear, envolvendo a constante formação, desconstrução e reconstrução, num processo que se conduz dialeticamente, que implica em progresso, retrocesso e aprofundamento.

“Revolução”, de acordo com Houaiss, é uma grande transformação ou mudança profunda, sendo um movimento de revolta contra poder estabelecido por um número significativo de pessoas.

Envolve “críticas”, ou exames racionais e julgamentos que são indiferentes a preconceitos, convenções ou dogmas, tendo em vista algum juízo de valor. Entende-se “silencioso” como ausência de barulhos ou ruídos, espaço intimista da auto-avaliação. O “complexo” envolve um todo coerente cujos componentes funcionam entre si em numerosas relações de interdependência e de apreensão desafiadora.

O conceito de complexidade de acordo com Edgar Morin, “faz-nos compreender que não poderemos nunca escapar à incerteza e que não poderemos ter um saber total. A totalidade é a não verdade” (MORIN, 1990, p. 100). Para Morin (1990), nas ciências sociais, uma abordagem unidimensional é pobre, reducionista. A complexidade coloca o paradoxo do uno e do múltiplo, onde há aparência de desordem, ambiguidade, incerteza e confusão. É justamente a tarefa de o conhecimento pôr ordem nos fenômenos e dá-lhes inteligibilidade, sem simplificar, promovendo ordem, clareza e precisão. Exige, pois, o pensamento complexo.

Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo “integra o mais possível os modos simplificadores

de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e, finalmente, ilusórias de uma simplificação” (MORIN, 1990, p.9).

Os resultados da pesquisa demonstram que a universitária católica recifense tem uma percepção das tentativas da Igreja, através do seu magistério ainda muito estático, dogmático e simplificador, de moldar a sua identidade. Mas, esta mulher resiste a partir do seu âmago e insiste existencialmente na sua autoconstrução, sem culpas, com certa tranquilidade.

Este processo não nega o valor das instituições e tradições, mas luta pela desconstrução e reconstrução do conjunto de crenças e valores transmitidos na infância e adolescência pela família, escola e Igreja. Ela reconstrói uma nova identidade psicossocial e ético-religiosa mais autêntica com seu viver de mulher, de um lado enfrentando os constantes e fortes desafios da contemporaneidade, e, de outro, avaliando a validade do magistério da Igreja como orientação para sua vida. A universitária católica recifense demonstra que está reinterpretando concepções, ações e valores da religião católica no seu dia-a-dia e está se aproximando mais dos conceitos e ações dos valores da pós-modernidade. Ela resiste ao sistema patriarcal da Igreja, por considerá-la distante dos problemas que a mulher enfrenta e faz a sua reflexão crítica,

tentando conduzir com coerência a sua vida psicossocial e ético-religiosa.

Para aceitar a experiência da mulher como fonte de cientificidade, alguns pressupostos precisam ser considerados: a importância da utilização da hermenêutica de gênero como forma de interpretação da relação mulher / homem no mundo e a relação mulher/magistério androcêntrico da Igreja. A hermenêutica é uma nova linguagem para nomear este mundo de relações como padrão valorativo alternativo. Outro pressuposto é a secularização e contra-secularização como fenômenos não contraditórios, mas complementares, num contexto complexo onde o sagrado não é negado, mas reconstruído.

Um terceiro é a subjetivação da pós-modernidade levando à privatização do direito de dar sentido às suas experiências. Incluem-se, ainda, os pressupostos referentes à experiência da mulher como critério de discernimento e base da sua relação com Deus e à crise de plausibilidade da Igreja diante das novas interpretações religiosas. A complexidade prevalece e exige enfrentar o “jogo infinito das inter-retroações, a solidariedade dos fenômenos entre eles, a bruma, a incerteza, a contradição” (MORIN, 1990, p. 21). O pensamento simplificador ofusca a diversidade sem perceber a unidade.

Algumas questões teóricas levantadas por Maria Clara Bingemer

Paralellus, Recife, v. 6, n. 12, p. 175-186, jan./jun. 2015.

(1992), Berger e Luckmann (2004) e Cea-Naharro (2002) podem orientar a análise dos resultados que oferecem subsídios para configurar a nova identidade da universitária católica recifense. Bingemer questiona os impactos da modernidade no fenômeno religioso e nas crenças religiosas, enquanto Berger e Luckmann indagam sobre como realizar o sentido diante de opções pluralistas e que tipos de sociedade constituem as pessoas com seus valores reformulados. Diante deste contexto Cea-Naharro levanta a polêmica sobre o direito de cidadania da mulher na Igreja.

Percebe-se que as reflexões teóricas se referem a desafios concretos que a mulher enfrenta no seu processo do “ser-mulher” hoje, enquanto orientada pela Igreja. A Igreja elaborou, historicamente, o que a mulher deve sentir, pensar, fazer, viver e ser, e como deve ser a sexualidade. Alguns documentos valorizam a mulher e outros só valorizam a mulher ideal concebida a partir de conceitos androcêntricos patriarcais dogmáticos que não correspondem à realidade vivida pela mulher hoje.

A universitária católica recifense não dá resposta teórica aos desafios que enfrenta: a sua resposta é sua vida. A vida dela é práxis: ação objetiva que, superando e concretizando a crítica meramente teórica, permite ao ser humano construir a si mesmo e seu mundo, de forma livre e autônoma, em

oposição ao que é dado. Kosik define a práxis como “a revelação do segredo do homem como ser ontocriativo, como ser que cria a realidade humano-social e compreende a [...] sua totalidade [...] e se produz historicamente e se renova continuamente” (KOSIK, 1976, p. 202-203).

A construção da identidade pela mulher é um movimento dialético da práxis e se desenvolve através das suas percepções, sentimentos, vivências e representações. O poder de nomear é um dos poderes mais influentes do mundo. Quem nomeia – pessoa, instituição, sistema ou teoria – quase sempre domina. Se quem nomear já tiver nomeando a partir de uma estrutura consolidada historicamente, domina ainda mais. E se esta estrutura for patriarcal e androcêntrica, a sua dominação é ideologicamente sexista e impõe silêncio às mulheres. Este poder dogmático usa a palavra – nomeia – “relativismo” para caracterizar as tentativas de discórdia e resistência de pessoas. O pensamento das pessoas que discordam da sua lógica é taxado, nomeado, como relativismo pela Igreja. É considerado um pensar sem seriedade, sem legitimidade, sem direito de existir. Esse agir da Igreja para caracterizar um fenômeno complexo pode ser considerado reducionista e simplificador.

Na Igreja, até hoje, a mulher tem sido tanto a maioria silenciosa quanto a maioria silenciada (SCHUSSLER-FIORENZA, 1995). Até no Novo

Testamento (1Cor. 15) é exigido que a mulher se cale e escute a orientação da Igreja em silêncio e submissão. Esse ensinamento ainda fundamenta as reações da Igreja ao constatar as resistências religiosas femininas à sua doutrina.

A experiência do “ser-mulher”, diante dos múltiplos desafios enfrentados por ela na sociedade contemporânea pós-moderna, é negada como critério de verdade e silenciada como razão de discernimento. Pior de tudo, o agir da mulher é chamado de **relativismo**, nome usado como um instrumento de opressão simplificador daqueles que querem repudiar a resistência à sua ideologia e vilipendiar posições de confronto ou contestação.

A compreensão da nova identidade psicossocial e ético-religiosa da universitária católica recifense passa pela aceitação das premissas teóricas levantadas neste trabalho. A perspectiva de análise empregada – a hermenêutica de gênero – não é um paradigma neutro. A hermenêutica representa uma posição clara de confronto e contestação da ordem sóciosimbólica com suas normas e práticas, refletindo as marcas de opressão, discriminação e submissão sofridas historicamente pela mulher na Igreja Católica. A subjetividade integra o método de análise e reflete sua dinâmica dialética.

A universitária católica recifense afirma o direito da mulher de “não ser direita” ao questionar e desmistificar o

“ser-mulher”, de desconstruir as ilusões e mitos do passado, principalmente sexistas, e de reconstruir um novo perfil da mulher real no enfrentamento dos desafios contemporâneos.

As suas respostas na pesquisa deram subsídios contundentes para analisar a construção de uma nova identidade psicossocial e ético-religiosa diante os ensinamentos da Igreja Católica sobre a mulher e dos desafios enfrentados por ela no mundo plural, secular e pós-moderno. Os resultados da pesquisa validam as duas hipóteses levantadas na mesma. A hipótese principal afirma que a universitária católica recifense está construindo uma nova identidade psicossocial e ético-religiosa a partir da sua experiência. As repostas confirmam que é um processo consciente de desconstrução e reconstrução, em que as formas tradicionais de “ser-mulher católico”, de conceber a mulher como “o eterno feminino”, estão sendo contestadas, confrontadas, refletidas, analisadas e reelaboradas a partir da sua vivência concreta. Porém, o processo em si tem turbulências existenciais, psicológicas, morais e religiosas; existem ambiguidades, dúvidas e incertezas.

A segunda hipótese, a ausência de culpabilidade, também encontra fundamento tanto nas respostas sobre pecado (forma de controle da Igreja), o que é pecado para ela (violação dos direitos da mulher) e o sentido de não ter culpa, quanto na afirmação que a

mulher pode discordar da Igreja e continuar a se considerar católica. Ela não se vê como pecadora na vivência da sua corporeidade e sexualidade, porque segue a sua consciência, acredita em Deus e seu amor e desconfia das tentativas da Igreja de inculcar culpa na mulher, principalmente por causa das expressões da sua sexualidade hoje.

A experiência das universitárias entrevistadas é um determinante principal na definição da sua identidade porque reflete a importância de sua vivência, eivada de eventos, situações, dúvidas, afirmações, percepções e sentimentos na construção da sua identidade. As suas respostas revelam a percepção de Deus, delas mesmas, da família, das pessoas e do mundo à sua volta com critérios de juízo de valores e avaliação do “ser-mulher” no seu relacionar-se com Deus e na sua experiência religiosa.

Muitas das percepções e desafios enfrentados pela universitária católica recifense não são temas de um diálogo aberto para a Igreja. A própria elaboração de documentos pela Igreja referente à condição da mulher e da família é feita de forma sexista, unilateral, hierárquica e vertical. O posicionamento patriarcal é criticado não somente por vários filósofos e teólogos²,

² Leonardo Boff, Pierre Bourdieu, Tércio Almeida, Maria Clara Bingermer, Margarita Cea-Naharro, Elizabeth Schussler-Fiorenza, Wanda Diefelt, Maria do Pilar Aquino, Maria Avila, Claudine Bandini, Silvia Baeske, Carol Drogus, Elizabeth Lacelle, Mary Daly, Henrique Vaz e Nicole Zunhammer.

mas por segmentos do próprio clero em documentos recentes³ que exigem abertura e discussões mais democráticas e dialogais de todos os envolvidos, principalmente leigos, mulheres e homens, solteiros e casados, jovens e adultos. O próprio Papa Francisco está promovendo uma abertura na discussão da Igreja Católica sobre a família, sua composição, funcionamento e realizações, prevendo novas abordagens pastorais. É um começo.

Uma multiplicidade de fatores está contribuindo para a construção e consolidação da nova identidade psicossocial e ético-religiosa da universitária católica recifense, que manifesta características específicas detectadas na pesquisa, como se verá a seguir.

A crença absoluta no sistema ideológico sexual da Igreja está evidenciando abalos. Existe um movimento contestatório contra os espaços de exclusão e de dominação, contra as construções ilusórias sobre a mulher, seu corpo e sua sexualidade. A suposta inerrância da Igreja nesses temas, o poder de condenar ao inferno e criar culpabilidades são rejeitados pela universitária católica recifense. Em vários assuntos do questionário, ela foi sempre coerente “quem sabe o que é melhor, o que é certo ou errado para mim, sou eu: sigo a minha consciência”. Uma consciência em formação, uma

consciência com dúvidas e ambivalências, uma consciência em conflito com o que foi inculcado pela família e Igreja contra as experiências e análises da lógica interior e interiorizada do seu processo de “ser-mulher” diante da sociedade e da Igreja. As suas ideias e consequentes ações referente a sua corporeidade e sexualidade são resultados da sua experiência de ser mulher: o próprio “ser mulher” é um critério de discernimento, compreensão e avaliação, sem culpa, afirmando o seu poder de nomear.

Não é um processo linear de causalidade, mas um processo em espiral da “circularidade retroativa” ou “circularidade autoprodutiva” (MORIN, 2000, p. 100) que reconhece o indivíduo como “produto-produtor”. A realidade é percebida pela universitária como multidimensional e multicausal. Ela se percebe, também, como pessoa multidimensional.

Nesta realidade, ela vive criticamente com questionamentos sobre valores e paradigmas tradicionais – da Igreja, da família, da sociedade – e se recria a partir da sua experiência diária.

Por não ser linear, mas circular, o processo de construção da identidade procede com angústias existenciais, psicossociais e ético-religiosas, que, ao mesmo tempo dificultam e impulsionam este processo. A identidade não envolve só a percepção de si, mas uma cosmovisão que abrange o mundo, Deus e o embate da inserção *versus* cooptação

³ Dom Odile Scherer, Dom José Maria Pires no documento de Santo Domingo (1992).

pelo sistema capitalista e pela sociedade de consumo com valores questionáveis. Esse processo, por si próprio, abrange as escolhas que levam à autonomia, independência, felicidade e liberdade: a multidimensionalidade do “ser-mulher”.

Para a universitária católica, pecado é considerado uma alienação para o processo de “ser-mulher” e da sua identidade. A dogmaticidade da Igreja sobre pecado é visto por ela como negação da sua consciência como mulher. A sua espiritualidade feminina está lhe revelando tradições e mitos teológicos que perpetuam ideologias sexistas alienantes. Essas estão sendo rejeitadas, apesar de ainda influenciar certo nível de culpabilidade da universitária. O seu “ser-mulher” que envolve a sua vida, sua corporeidade, sua sexualidade, sua família, é o seu desafio e seu destino. Contempla suas percepções, seus sentidos, expressões, intervenções, imagens, leis e códigos morais e éticos, educação, linguagem e representações. É, também, a fonte do seu poder de ser uma nova mulher.

Ela está reconhecendo que a linguagem (símbolo) ao nomear tem um

poder sobre o corpo. Ao delegar um poder ao corpo, a linguagem define normas, nomeia e atribui valores em determinado tempo e espaço, num movimento que é sempre dinâmico. Ela rejeita e repensa os padrões perenizados pela Igreja que não passam por sua experiência e vivência de “ser-mulher”. A sua imagem e entendimento de Deus como masculino e feminino, também são novos. Quando ela diz “Deus”, pensa e transmite a imagem de Deus que tem características femininas de amor, compaixão, compreensão e perdão. Deus é feito à imagem dela e não só à do homem.

A universitária católica recifense valoriza a família: a boa convivência familiar, o apoio recebido, a sua importância como fundamental à organização da sociedade e a sua influência religiosa, tanto tradicional quanto crítica. O relacionamento com a família é um dos seus valores mais importantes e o consenso é que a família apoia e orienta na construção de sua nova identidade.

3 Considerações finais

Apesar das divergências com o magistério da Igreja, a universitária se considera católica e permanece fiel à Igreja. A questão é o que a Igreja está fazendo por ela para fortalecê-la no seu

processo de “ser-mulher”, ao enfrentar os desafios contemporâneos, em vez de condená-la por se desviar da imagem ideal e das práticas, principalmente

referente a sua sexualidade, determinadas pelo seu magistério?

Quais são os espaços abertos e não condenatórios de escuta, diálogo e reflexão da Igreja? Quando é que a mulher terá uma posição de decisão na Igreja sobre sua identidade, corporeidade e sexualidade, em vez de receber a doutrina pronta de celibatários que querem sustentar o mito do “eterno feminino”? Como protestar contra as ideias pré-estabelecidas da salvação, da perdição ou culpabilidade e do antifeminismo prevalente na sociedade e nas Igrejas, o antifeminismo disfarçado de democrático e amoroso (GEBARA, 2000)? Como entender a construção das relações de gênero entre a mulher universitária recifense e uma Igreja construída androcentricamente?

Por enquanto a universitária católica recifense está resistindo àquilo com o qual não concorda, de forma silenciosa: seu grito é interiorizado, seu choro sem lágrimas, sua resistência sem passeata ou bandeiras, sua luta individual e ainda não coletiva nem familiar. A sua consciência, fundamentada por valores éticos e religiosos definidos, embasa a sua vivência e suas mais variadas experiências e desafios no seu processo de “ser-mulher”. Ela busca aprofundar a sua espiritualidade, dentro e fora da Igreja Católica, que ela percebe como falível e omissa referente às necessidades existenciais da mulher.

Ela não aceita viver cheia de culpas como a sua mãe e sua avó. Ela está desconstruindo e reconstruindo a sua identidade para ser mais verdadeiramente autêntica de acordo com a sua vida. Mas a revolução não é somente dela. Além dessa sua revolução silenciosa, mais uma revolução está em andamento: o crescimento das suas filhas num ambiente religioso familiar mais aberto e menos opressivo, eivado de reflexões, críticas e posicionamentos novos. Elas e as filhas vão permanecer católicas? Silenciosas ou ativas? Ativas para ficar e protestar ou sair da Igreja?

Concorda-se com Gebara (2000) que implora o repensar do antifeminismo na Igreja como ação imprescindível daqueles que estão no poder e que evidenciam medo de reavaliar os impactos da sua racionalidade masculina. Para Gebara e várias outras teólogas e filósofas⁴, o antifeminismo da Igreja esconde o medo da condição humana, condição que exige repensar as “certezas” e aprender a respeitar divergências e diversidade.

Este repensar é contra a violência da dogmaticidade e a favor da abertura de espaços para escutar novas e diferentes vozes. Ela afirma que estas vozes são incômodas, confusas e irritantes, mas que são capazes de dinamizar e mexer com a vida, num

⁴ Maria Clara Bingermer, Margarita Cea-Naharro, Elizabeth Schussler-Fiorenza, Wanda Diefelt, Maria do Pilar Aquino, Maria Avila, Claudine Bandini, Silvia Baeske, Carol Drogus, Elizabeth Lacelle, Mary Daly, Rosemary Ruethers e Nicole Zunhammer.

movimento que vai garantir “novas esperanças e novos desafios”.

Referências

BERGER, Peter, L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2004. 91p.

BINGERMER, Maria Clara L. **O impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 1992. 300p.

CEA-NAHARRO, Margarita Pintos de. O direito das mulheres à plena cidadania e ao poder de tomar decisões na Igreja. **Concilium – Revista Internacional de Teologia**. Petrópolis: Vozes, n. 298, p. 85(661)-94(670), mai. 2002.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. 2. ed. Tradução: Lúcia Mathilde E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2000. 261p.

KOSIK, Karel. **A dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 230p.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização**. Tradução Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995. 493p.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4.ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. 177p.

_____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: Martins, F.; Silva, J. (org.). **Para navegar no século XXI**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Edipucrs, 2000, p. 19-42.

RODRIGUES, Cátia S. L. Católicos e femininas: identidade religiosa e sexualidade de mulheres católicas modernas. **Rever – Revista de Estudos da Religião**, n. 2, p. 36-55, 2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_rodrig.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2005.

SCHÜSSLER-FIORENZA, Elizabeth. **Discipulado de iguais: uma eclesialogia feminista crítica da libertação**. Trad. de Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis: Vozes, 1995. 404p.

Recebido em 12/05/2015.
Aceito para publicação em 26/06/2015.